

Pesquisa em Ação Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello
(Organizador)



 Editora
Atena

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

Pesquisa em Ação
Trilhando Caminhos em Educação

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-00-0
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
CAPÍTULO 2	7
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
CAPÍTULO 3	14
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
CAPÍTULO 4	24
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinar Steinle</i>	
CAPÍTULO 5	33
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
CAPÍTULO 6	39
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
CAPÍTULO 7	50
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
CAPÍTULO 8	58
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
CAPÍTULO 9	68
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
CAPÍTULO 10	80
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

CAPÍTULO 11	89
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 12	97
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
SOBRE OS AUTORES	105

PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...

Ronaldo Luís Goulart Campello
ronaldo.campello@hotmail.com

Cynthia Farina
cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

Introdução

Escrever acontece a partir do encontro que se tece com a leitura, dos encontros com os corpos dos outros e conosco mesmo. Escrever parece simples, mas não é. Este texto perpassa a discussão por uma atividade de ensino começada no ano de 2014, a partir de minha docência em uma Escola Técnica Estadual, no bairro Fragata, na cidade de Pelotas – RS, que ganha vida, corpo e formas ao ser desencadeada por um agenciamento de experiências e um acontecimento de sala de aula. Torna-se projeto de extensão no mesmo ano: “As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital. Uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem”, ganha força em 2015/16, enquanto pesquisa, e toma outro nome ao ser pensada/investigada no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET, do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSUL campus Pelotas: “Cartas para ler e escrever: Cartografando uma prática de ensino”.

Deste modo, propõe situar o leitor acerca dessa pesquisa que cartografa a troca de cartas entre estudantes, a partir de práticas interdisciplinares de escrita e leitura desenvolvidas com dois grupos de alunos de dois 5º anos do ensino fundamental, um da referida escola estadual, e outro de uma escola do interior do município de Piratini – RS. O material cartografado é o processo que ocorreu comigo ao longo da escrita da dissertação em relação às escritas das cartas dos dois grupos de estudantes.

Não obstante, este texto trata de, enquanto um recorte desta pesquisa, abordar alguns conceitos cartográficos que surgem em meio à caminhada nômade que se fez por entre tudo aquilo que foi substância/matéria/conteúdo, para pensar a escrita desta dissertação que não possui faces, pois vai se constituindo ‘ainda’ dia a dia definindo/compondo, deste modo, este professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador... São conceitos que surgem para resistir e valorizar as narrativas deste professor-cartógrafo e também de seu grupo pesquisado, o total mergulho neste oceano conceitual e também nas escritas provocadas/tecidas ao lado de hoje, amigos, mas também escritas/tecidas na mais repleta e povoada solidão de meu verbo.

Da palavra que ganha corpo e flana por entre linhas...

Imaginemos varias personas leyendo um poema. El poema que leen es el mismo, pero la lectura es, en cada caso, distinta. Podemos decir, entonces, que esas personas leem e y no leen lo mismo poema. El poema es el mismo si lo tomamos com texto: es textualmente idêntico en todo los casos. Por tanto: todos leen lo mismo. Pero la lectura, La experiencia de la lectura es, para cada cual, la suya. Por tanto: nadie le el o mismo. (LARROSA, 2006, p. 12)

*Em Silêncio
e discreto como em um mudo assombro o pássaro observa
com paciência, desejo e vontade, e com seus olhos negros como a noite
ele aguarda, espera que enfim no corpo caído ao chão, o ar de seus pulmões o abandone...*

*Corpo caído ao sol, que borra a rotina com seu vermelho rubro
Corpo caído que vivo foi um corpo de mentiras, um corpo de dor
Em silêncio o pássaro espera...
Ele sabe que saciará suas vontades, seus anseios,
se excitará em meio a carne ainda macia
saciará sua sede no sangue ainda doce
Em silêncio ele observa o cortejo de outros corpos
que se alinham para sorrir da tragédia, imóveis...
Mas, a fome atormenta, somente um ela consome,
o outro seus pensamentos em delírio dilaceram sua alma rasgando-lhe a carne
Ele sente as garras,
a dor é angustiante, navalhas destroçando vergonhas
as poucas vestes que ainda o cobrem
Mas o mal que ele faz...
o bem que proporciona, liberta...
O mal que fiz,
Sofrer, tentar estender a mão, gritar, é impossível...
calar como em um mudo assombro
em silêncio, em desespero e dor
observar o Barqueiro...
Aquieta-te ó passageiro, estás a atravessar o Aqueronte
não a volta para aqueles que nesta nave embarcam
observe o turbilhão de outros que aqui também sofrem
O sangue já coagulando sacia a sede
A carne agora tem outro sentido/sabor, um outro valor
o que um dia proferiu falácias, hoje apodrece,
de alimento serve e a outrem não se faz entender*

A espreita...

Assim como, quando o pássaro que alça vôo e toma distância e observa, e/ou como

quando pousa em distinta superfície e, põe-se a observar a multidão, a paisagem os corpos de outros que também se propõem observar, mas, que não se percebem observados por aquele que sobrevoa e assenta as asas sobre si e se coloca a espreita, pássaro preto, corvo, que deseja se alimentar. Deste modo, deve ser/agir o professor, deve pensar ser um professor-pesquisador que repensa seus métodos, aqueles enferrujados e corroídos, carcomidos pelo tempo que ajusta sobre si o peso das responsabilidades. Deve tomar distância e pousar os olhos sobre seus modos de ser, sobre seu corpo didático, estudantil, sua professoralidade, (PEREIRA, 1996) e olhar de outro lugar suas práticas cotidianas...

Seu corpo/campo de pesquisa, que é a sala de aula, seus estudantes, manancial, território fértil por onde se promovem agenciamentos diários, ali onde, práticas menores escapam; abrem fissuras no instituído, é o miúdo, é aqui que devem ser pensadas ou ainda somente flunar/cartografar sua experiência, só isso já é muito. Agenciamentos formam territórios, “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir”. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p.323), reconstruindo-se novamente, mas desta vez em algo novo, que ainda não foi experienciado, produzindo novas linhas de fuga onde

estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem. Deleuze & Guattari (1996, p.72)

Buscando inspiração nos escritos de Charles Baudelaire, poeta francês, teórico e crítico de arte e seu ‘*flâneur*’; Poe e seu ‘Homem da multidão’ e também seu ‘Corvo’, para a escrita do poema ‘*em silêncio*’ que surge neste texto e trazem elementos para arrostar com o professor que pode ser cartógrafo-*flâneur*, ou professor-*flâneur*-cartógrafo-pesquisador, que andarilha sempre a espreita, observando possíveis linhas de fuga, pelas trilhas e sendas, e vias que surgem em meio ao processo de pesquisa cartográfico.

Nestas linhas se faz uma abordagem sobre o método cartográfico de pesquisa, proposto por Deleuze e Guattari, sugerindo uma aproximação ao conceito de *flâneur* que surge primeiramente em 1800 nos escritos de Baudelaire, mais tarde nos escritos de Walter Benjamin tais como “Paris, the capital of the nineteenth century” e “On some motifs in Baudelaire”.

Pensar a aproximação, deslizar entre essas ideias é cartografar-flunar, seguir uma linha de fuga, deambular por entre caminhos de leitura e escrita que podem gerar encontros, proporcionar ideias, assim constituindo-me como cartógrafo-*flâneur*. Aquele que perambula por entre as linhas das palavras criadas nos textos, e as linhas de fuga que escapam do entre, do estar à espreita, do ser capturado por um encontro em dado momento. “Alguém à espreita é alguém aberto à turbulência do ‘fora’, se dispõe às afetações, atento ao inesperado. A qualquer momento alguma coisa pode acontecer; e não se sabe o quê”, (VASCONCELOS, 2007, p. 01). Estar à espreita envolve o mover-se em meio a..., dentro de..., envolve o risco de criar e criar-se, ser tocado por..., tocar em...

É observar com olhar aguçado, sensível, perceber os mínimos por menores que não se mostram, é entregar-se a paisagem e compor com ela, desconstruir e fazer-se nela...

Trilhar caminhos, andarilhar e observar, estar à espreita, criar, cartografar...

Dante vagando perdido em seus pensamentos se afastou enormemente de seu percurso. Encontrou Virgílio em um território escuro e sombrio, onde uma enorme fera o espreitava. Era o princípio da jornada de ambos no inferno. Dante carrega consigo dúvidas, um enorme amor por Beatriz e pela vida, e reencontra neste local personalidades as quais nunca esperou encontrar. O caminho foi de aprendizado, de dor e de reconforto, construção, desconstrução e reconstrução. Andarilhar por entre textos literários, escrita epistolar, artigos científicos, revistas de ficção, é criar rizomas, criar na/pela escrita linhas de fuga, caminhos, tocas por onde andam os pensamentos, oceanos por onde navegam as naus, linhas aferentes/eferentes que levam e trazem experiências, sensações, toques, encontros, possibilidades, a epiderme com o dentro e o fora se fazendo com o todo, o corpo que se faz sentir no encontro, pela superfície lisa ou rugosa da pele. Ratos, uns sobre os outros em suas tocas, indo e vindo, vermes sobre corpos que se desfazem, e se reconstróem.

Sempre a espreita como se propõe estar o cartógrafo, assim como se propõe o *flâneur*, que se dissolve em meio às multidões desejo encontros, ideias, inspiração para enveredar-me por entre os caminhos possíveis de produzir sentido, ou corroborar com o processo de formação ao qual busco como docente.

Vale ressaltar que toda pesquisa que se empreende, e visa-se ocupar o pensamento, é uma viagem no qual o pesquisador embarca, é um percorrer caminhos já percorridos, pois de alguma forma percebeu-se algo ‘novo’ que ainda não foi vislumbrado ao longo da trilha já andada por ele mesmo. De alguma forma, quando se esta em viagem há sempre algo que se apresenta de forma original, são novas impressões, marcas de sua experiência que irão impregnar o texto no qual são/serão relatadas as notas de sua pesquisa, tornando assim, então seu trabalho inédito.

Produzo cartografia quando retorno na leitura de textos e os reinvento, redirecionando-os, pois não sou mais o mesmo de antes, vejo outras coisas, sigo por outros caminhos que não são mais os mesmos, “o cartógrafo é formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar” (POZZANA, 2014, p. 61). O *flâneur* individuo solitário por vontade que se perde em meio às multidões, onde se dissolve, se desfaz, na/com a qual se envolve, é só mais um andarilho que passa e experimenta, de um lugar distante, um cartógrafo não é a mesma coisa que um *flâneur*, ou um observador. Um cartógrafo flana, sem dúvida, mas está aberto a que lhe passem coisas, a ser aberto por forças de acontecimentos. Com essa força, necessita produzir sentido, esboçar ideias para o território no qual se desloca e se reconstrói.

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não

existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. (NIETZSCHE, 2003, p. 306)

No processo de confecção de escrita deste texto, é como *flâneur* que me percebo, um indivíduo solitário não por vontade, mas que se perde/dissolve em meio às leituras que faz, das escritas errantes que produz, dos descaminhos/linhas de fuga que toma em meio ao percurso/processo de criação, dos olhares/observações que surgem perdidas, e que desviam a atenção a quase tudo, é um andarilhar por inúmeras sendas de onde, de umas vou catando artefatos e de outras vou deixando pegadas, ou ambas...

Faço um recorte em 2015, ao trabalho docente de um grupo de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma escola Estadual no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS que produzem textos epistolares, cartas manuscritas, que aparecem como uma técnica de ensino vigoroso, com a proposta de mitigar obstáculos existentes no aprender deste conjunto de estudantes.

A prática menor de escrita de cartas pessoais permite/possibilita trabalhar de um modo, onde o que interessa são os movimentos de construção das atividades escritas, posteriores leituras, das discussões, dos fatos de sua vida, seus apontamentos, seus conhecimentos permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz a suas palavras: permitindo que elas nasçam e se refiram a si próprios. É aqui que o menor se institui, e rompe com o estabelecido, com o que esta posto, pois cria movimentos distintos com cada grupo que se propõe trabalhar. A escrita que parte da experiência de si aliada ao método cartográfico de pesquisa provoca a construção de um olhar, uma narrativa sobre suas vidas. É um fazer-se sentir ao outro, uma escrita reservada e perene, “uma escrita silenciosa onde cada um imprime seus gestos, suas marcas, e pode chegar a uma escrita de si” (CAMPELLO, 2015).

Ao longo do percurso de desenvolvimento das atividades de correspondências com cartas como projeto de extensão, em 2014, e após, de pesquisa, 2015/16, houve a necessidade de ir além de atividades como redentoras de dificuldades de aprendizagem de meus alunos, mas como processo de formação mais amplo. Ao fazer este movimento e ajustar o foco investigativo, o de auxiliar gramaticalmente a escrita destes alunos ao qual me propus, percebi que não pretendo responder questionamentos acerca da aprendizagem deles, mas, sim cartografar o que ocorreu comigo na escrita desta dissertação em relação às escritas das cartas dos estudantes. Esta atividade é o que me faz pensar sobre minhas práticas pedagógicas, docência-professoralidade.

Quero, sim, como um *flâneur* caído, capturado em vôo analisar os momentos subjetivos de formação ocorridos comigo enquanto docente, a partir do momento que me envolvi com a escrita da pesquisa. Só isso já é muito. Espero problematizar esta experiência, se precisar deixar questões em aberto, que fiquem, pois ao tempo certo serão respondidas, ou não. O que importa? Ao *flâneur* caído, o professor que pensa ser *flâneur*-cartógrafo-pesquisador que se inquieta e “supone una experiencia de inmersión y de acción simultânea que atañe

al saber, em la medida en que provoca y es provocada por la reflexión y el discurso” (FARINA et al 2014, p. 154) que põe a pensar e produzir sentido aos seus atos, observa de um modo diferente suas práticas.

Uma perspectiva distinta sobre o método

O método cartográfico de pesquisa permite trabalhar de uma forma/modo, onde o que interessa mais é o processo do que os resultados. Os movimentos de construção das atividades, das discussões, o que se pensou em fazer, o que foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). A proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres por entre, não a conclusão. Deste modo, à prática menor de escrita de cartas pessoais permite/possibilita trabalhar de um modo, onde o que interessa são os movimentos de construção das atividades escritas, posteriores leituras, das discussões, dos fatos de sua vida, seus apontamentos, seus conhecimentos permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz a suas palavras. O que se estava produzindo nestes estudantes durante tal processo de escrita e leitura das cartas? O que neles movia-os a escrever? Era o desejo do professor-pesquisador com sua proposta didática, ou suas vontades, curiosidades. E quais seriam estas vontades, curiosidades?

Ao dar possibilidade de que “os instrumentos sejam forjados, resituando-os sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa a partir de si mesmos” (CÉSAR et al, 2013, p. 359), é o escavar um túnel com as próprias mãos, e, em dado momento esbarrar em uma rocha, é preciso então desviar, seguir por outro caminho, mas não deixar para trás tudo o que se coletou, se produziu. É como na escrita desta pesquisa, a partir da construção dos conceitos que foram sendo absorvidos no processo de construção da dissertação, faço cartografia, pois escrevo, leio; e sempre que *reescrevo* sou outro, pois traço e as teço nas naveas do pensamento fazendo-as criar relações consigo mesmas. Teias, redes, rizomas, planos comuns, arranjos...

É importante dizer que um “rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas”, nas oscilações da construção dos campos conceituais, por exemplo, dos mapas, dos platôs por onde o pensamento se faz. No projeto com as cartas, a escrita das mesmas provocava a leitura de outros textos, a leitura de outras missivas, promovia o aprendizado de outros conteúdos que remetiam a encontros com outros temas, e até mesmo um novo olhar sobre o que já se sabia...

Na cartografia habitual, da ciência geográfica, temos no estudo e construção dos mapas seu ponto forte. Aprende-se inúmeras definições sobre escala, topografia, paisagens, localização, hidrografia, etc. para após, unir tais elementos em um croqui, uma carta topográfica, um mapa, e assim sabermos interpretar/ler tal documento. Na cartografia proposta por Foucault e Deleuze e Guattari, o procedimento cartográfico assume outra política. Apreende-se conceitos, mas mergulha-se em outros campos. Na geografia dos afetos, sensibilidades, dos movimentos, das subjetividades, para poder assim, pensar

sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa. Rolnik (1989):

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... (ROLNIK, 1989, p. 65)

Para o cartógrafo a todo instante surgem pistas, trilhas, sendas, (ROLNIK, 1989, p. 65) “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”, que as possibilidades de fuga se apresentem. “[...] A cartografia não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 09). Para isso, é necessário estar atento. Em silêncio, a espreita.

Filho et al (2013) diz que a cartografia:

Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (p. 46).

É aqui que declino o olhar sobre textos que tratam do conceito de *flâneur*, proposto na escrita de Baudelaire, tais como “O novo flâneur” de Passos et al, “O último suspiro do flâneur” de Saturnino, “Homem da multidão” de Edgar Allan Poe e o *flâneur* no conto de Massagli², e os aproximo silenciosamente, sem produzir ruídos ao que penso do ‘ser’ cartógrafo há este *flâneur* do poeta ao qual conjuro as habilidades do cartógrafo, pois ambos, observam, estão à espreita e, em silêncio, se dissolvem em meios as paisagens que habitam. Dou voz aos gorcejos do corvo de Poe, e também ao meu que pousa seu olhar sobre uma multidão que observa um corpo caído que desfalece, e a espreita observa esta multidão se dispersar e assim, e após, para poder se alimentar. É aqui que surge o professor-cartógrafo-andarilho, passante-cartógrafo-flâneur-professor, pássaro-cartógrafo-passante-flâneur, professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador a espreita, se dissolvendo/diluindo em meios aos territórios/oceanos de passagem que surgem...

Amarrações das redes, das teias, do rizoma.

Este professor tem a possibilidade de inovar e pôr em ação uma prática educativa que poderia amenizar as dificuldades que encontra, no início de cada ano letivo em seus estudantes, aquisição da escrita e leitura de forma efetiva. Para Pereira et al (2012, p. 963) “inovar é ‘transformar a própria prática’ e relembramos que a fonte da inovação endógena é a prática reflexiva”. Este mesmo professor que em determinado momento observa sua turma de vinte e dois estudantes com faixa etária entre os dez e doze anos de idade, e diz que os mesmos têm dificuldades no ler e compreender o que escrevem, e que precisam

² Textos disponíveis em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/2%20%20o%20novo%20fl%C3%A2neur.pdf>>; <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodriigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>> e http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf> acessados no mês de abril de 2016.

ser sanadas. Em que medida o professor pode contribuir para potencializar a capacidade de escrita e leitura do ser aprendiz?

Ser cartógrafo não é algo que se define/produz a partir de percursos já gerados, de caminhos já seguidos, nem mesmo do uso de ferramentas ou utensílios específicos ou próprios para a pesquisa, pois toda pesquisa se torna nova quando se aprende a observar, assim como caçador que sai em busca da presa, sempre é uma caçada nova, mesmo que siga trilhas/rastros antigos. Ao cartógrafo a pesquisa vai se construindo, assim como ao caçador as pistas vão surgindo em trilhas novas ou velhas, e vão sendo seguidas. Assim como ao flâneur que deambula em meio à multidão e que aprendeu a se dissolver em meio a ela. Aprendeu a extrair dela material para contemplar. Vaga solitário, aprendendo cada detalhe do que observa sem ser percebido, sempre a espreita, assim como o caçador a espreita da presa, assim como o cartógrafo a espreita do que pode ser pista.

Uma escrita cartográfica pode nascer sem início, sem meio ou fim, sua leitura pode ocorrer do mesmo modo, mas a cada olhar ela se anuncia distinta, provoca uma nova reflexão, possibilitando assim, a cada leitura uma nova interpretação, uma nova caminhada por um caminho já composto, mas que se reconstrói a cada novo passo, sempre possibilitando uma nova saída, sempre abrindo fendas pelos territórios já percorridos.

Conclusões de um professor-flâneur-cartógrafo-pesquisador...

Repenso minha prática. É aqui que possibilito transformar-me e provocar encontros com estes estudantes. Será que ao sair do quadro de giz, das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem, inovar? Será que trago a possibilidade de escrita de modo efetivo, quando proponho a leitura de textos ‘reais’ a este grupo de estudantes, escritos por pares, com os mesmos erros com os quais eles estão acostumados a produzir os seus textos, com as mesmas dificuldades de interpretação que eles têm ao lerem? Será que lhes possibilito um encontro consigo mesmo? Será que crio linhas de fuga em seu modo cotidiano de aprender? Será que possibilito uma escrita real de si e para si? Aqui está plantada uma semente de dúvida...

O que importa para o cartógrafo não é tanto os resultados como os movimentos. É a aspiração de proporcionar a esses estudantes uma experiência que lhes atravesse. Mude-os de algum modo, que lhes oportunize, quem sabe, encontros que talvez antes nunca tenham experienciados através do uso da escrita, através do uso da palavra que este professor-cartógrafo se reinventa. Pensando a palavra em Larrosa (2002) esta que nos determina que nos dá sentido em tudo que somos, e na forma como agimos, a vontade é esperar que tais estudantes dêem um sentido próprio, seu sentido à palavra ‘espera’, seu sentido à palavra ‘escrever’. Esperar que “o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegure o que há de mais doce na presença: reencontrar” Sêneca apud Foucault (1983).

Referências

ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Editora Martin Claret. São Paulo, 2005.

BENJAMIN, Walter. (1986) Parigi capitale del XIX secolo. Torino, Einaudi.

CAMPELLO, Ronaldo Luís Goulart. FARINA, Cynthia. As cartas que escrevo... Uma escrita, várias linhas, uma prática de ensino Revista Pedagógica | v.17, n.35, maio/ago. 2015. 259-272. Disponível em: < <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3114/1786> > acessado em 10/04/16.

CÉSAR, Janaína Mariano. SILVA, Fabio Herbert da. BICALHA, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. Fractal, Ver. Psicol., v.25 – n.2, p.357-372, Maio/ago. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci_arttext > acessado em 17/05/2015.

DELEUZE G. Abecedário de Gilles Deleuze. PARNET, A. V. Produzido e realizado: Pierre-André Boutang, Éditions Montparnasse, Paris. 1996. Disponível em: < <http://www.docspt.com/index.php?topic=16463.0> > Acessado em 12/11/15.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In: Anais da 31ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y98tS1A3yGsj:31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> > acessado em 17/06/15.

FARINA, C.; PEREIRA, M. V. El tropiezo del investigador y la imagen que vê. Percepción y saber. EccoS, São Paulo, n.33 p.143-156. Jan/abr. 2014. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/pdf/715/71531141009.pdf> > acessado em 16/05/16.

FILHO, Kleber Prado. TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013. Disponível em: <<file:///D:/Usuario/Downloads/2471-15593-2-PB.pdf>> acessado em 17/06/2015.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. 1996. Micropolítica: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes. 4ª ed.

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>> acessado em 30/08/2015.

LARROSA, Jorge. Leer (y enseñar a leer) entre las lenguas. Veinte fragmentos (y muchas preguntas) sobre lectura y plurilingüidad. Separata Revista Educación y Pedagogía. Vol. 18, 2006. Disponível em: < <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyep/article/view/19061/16284> > acessado em 05/08/16.

NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 (349p.).

POE, Edgar Allan. O corvo. *The Raven*. Editora Dark Side. Tradução Machado de Assis, Fernando Pessoa. Edição 2013. Ano da obra 1845. 50 pag.

PEREIRA, M. V. A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. São Paulo: PUCSP (Tese de Doutorado), 1996.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: Corporificação e afetabilidade. *In* *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum/organizado* por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco – Porto Alegre: Sulina, 2014. 310 p. (2).

ROLNIK, Suely: *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. A escrita nômade de Clarice Lispector. *ALEGRAR* nº04 - 2007 - ISSN 18085148. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos_A_04/03_escrita.pdf+&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br> acessado em 09/06/15.

VILELA, Carolina. O que é um flâneur? Belo Horizonte – MG. 09 de mar 2009. Disponível em: < <http://caroltsv.blogspot.com.br/2009/03/o-que-e-flaneur-o-termo-flaneur-vem-do.html> > acessado em 02/10/16.